

Jornalismo Policial: análise semiótica de reportagens do GZH sobre o caso Rafael Winques¹

Letícia Vieira DOS SANTOS²

Gilmar Adolfo HERMES³

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

RESUMO

Este estudo faz uma análise semiótica de cinco reportagens produzidas pelo jornal digital GZH durante a investigação do caso envolvendo a morte do menino Rafael Winques. Observando os processos semióticos de produção de sentido presentes nos textos, são analisadas implicações éticas derivadas da postura dos jornalistas da editoria criminal nesse período e a forma como escolheram narrar à investigação. Através desta metodologia, foi possível identificar os arquétipos de personagens, técnicas narrativas e estratégias comunicacionais utilizados para noticiar o caso, além da espetacularização dos fatos que aconteceram durante a cobertura.

PALAVRAS-CHAVE

Espetáculo; Caso Rafael Winques; Jornalismo Policial; Narrativas do Jornalismo; Semiótica

INTRODUÇÃO

A investigação do caso envolvendo a morte do menino Rafael Winques se inicia no dia 15 de maio de 2020, quando Alexandra Dougokenski, mãe de Rafael, comparece ao Conselho Tutelar de Planalto, município no extremo Norte do Rio Grande do Sul, para comunicar o desaparecimento de seu filho de 11 anos. Após dez dias de investigação, Alexandra revela à polícia que foi ela quem matou o menino e que estava ocultando seu corpo na garagem da casa ao lado da sua.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Produção de Sentido na Mídia Digital, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Estudante de graduação do 8º semestre do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas, email: leticiavieirasantos@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas, email: ghermes@yahoo.com

Por se tratar de um caso de desaparecimento infantil e filicídio, a cobertura midiática do crime chamou muita atenção na época de seu desenvolvimento. Sendo assim, o intuito deste trabalho é analisar nos textos publicados, utilizando como metodologia a semiótica peirciana, problemas relativos à ética jornalística, em reportagens do veículo digital GZH sobre o caso, por conta da possível prática de uma espetacularização, tendo em conta os elementos presentes no crime e como isso possivelmente afeta as opiniões do público que consome o produto final desse processo jornalístico.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Lúcia Santaella (1983), a Semiótica é a ciência que estuda toda e qualquer linguagem, seja ela verbal ou não-verbal. Originada na palavra grega *semeion*, que significa “signo”, o objetivo deste campo de estudo é examinar como a construção de um fenômeno ocorre e como ele gera significação e sentido, auxiliando assim a compreensão da linguagem e da cultura de um povo ou determinado contexto. Para este trabalho, serão utilizados os estudos formulados pelo filósofo americano Charles Sanders Peirce (1839-1914) como base metodológica.

Peirce desenvolveu a proposta do modelo triádico de signo, no qual o signo é composto por um representamen, um objeto e um interpretante. Além disso, identificou as categorias fenomenológicas dos signos, divididas em Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. Para Santaella (1983, p. 27), a Primeiridade é a característica do signo que está relacionada à qualidade ou sentimentos. Por se tratar de um momento muito rápido no processo de semiose de um signo, a Primeiridade logo é ultrapassada pela mente humana e a mesma alcança o estágio da Secundidade. Nessa fase, o signo adquire corpo, forma e nomenclatura, produzindo índices ou sin-signos, sendo considerado na teoria peirceana como o momento em que é possível apontar a existência de algo em relação à realidade. Já na Terceiridade, signo, objeto e interpretante operam de forma conjunta, produzindo novos signos. Sendo assim, qualquer noção que remeta a regras, hábitos, leis e convenções humanas está inserido nessa última instância.

Ao realizar a cobertura de qualquer acontecimento, jornalistas utilizam de forma intuitiva uma série de critérios noticiosos (TRAQUINA, 2005) para determinar a importância de um fato, seu potencial como notícia e como pode ser realizada a

apuração de informações relevantes para a criação da pauta. Identificar como se organiza essa cultura profissional do jornalismo e os legi-signos criados por seu uso é uma importante etapa para a análise que esse trabalho se propõe. Sendo assim, ao se analisar uma reportagem em busca de legi-signos, é importante averiguar não só aquilo que é dito no texto (valores noticiosos de seleção), mas também o modo como é dito (valores noticiosos de construção) e os processos de semiose que esses elementos podem causar.

De acordo com Luís Amaral (1978, p. 93), o jornalismo policial tem como foco a cobertura de decisões relacionadas à segurança pública, ações do sistema penitenciário e investigações policiais. Por se tratar de uma editoria que aborda temas sensíveis, como violência, morte e crimes, muitas vezes ocorre uma espetacularização (DEBORD, 1997) dos fatos relatados, gerando assim um problema de ética para os jornalistas.

Segundo Ciro Marcondes Filho (2002), outro fator que tem impactado na qualidade do jornalismo policial são os avanços tecnológicos, que acabam causando um jornalismo apressado e factual. De acordo com o autor, as redações foram obrigadas a se adaptarem às novas tecnologias, tornando o processo de apuração e produção mais rápido e com menos mão de obra envolvida. Com esse novo paradigma, o que passa a importar no jornalismo policial na modalidade online não é mais tanto a profundidade da informação, mas sim a velocidade com que as matérias são repassadas ao público e seu potencial para o sensacionalismo.

METODOLOGIA

As matérias sobre o caso Rafael Winkes que serão analisadas são algumas das que foram publicadas pelo veículo digital GZH entre as datas de 18 de maio de 2020 e 8 de julho de 2020, por retratarem os passos da investigação criminal. Os títulos das matérias são: “‘É uma dor comunitária’, diz promotora sobre desaparecimento de menino de 11 anos no norte do RS”, “‘Ela não esboçava nenhum tipo de emoção’, dia promotora sobre mulher que confessou ter matado o filho”, “‘Não a considero mais minha filha. Se foi ela, é um monstro’, diz avó de menino assassinado pela mãe”, “Celular de menino desaparecido há seis dias no norte do RS será periciado em busca de pistas” e “Mãe confessa ter matado menino de 11 anos no

norte do RS”. Serão catalogados e analisados os legi-signos presentes ao longo dos textos do período escolhido. Além disso, também serão analisados os processos de pensamento e interpretação que eles induzem no leitor e as implicações éticas da postura adotada pelos jornalistas do GZH ao longo da cobertura do caso relativas à espetacularização dos acontecimentos do crime.

ANÁLISE DAS REPORTAGENS

Ao realizar a análise nas notícias do GZH, legi-signos da cultura jornalística, da gramática de língua portuguesa, critérios de valor notícia e arquétipos de personagens foram identificados em todos os textos. Dessa forma, é explícito o engajamento do veículo GZH nas práticas e costumes típicos do fazer jornalístico.

Analisando a narrativa criada pelas reportagens, é possível identificar que o fenômeno de espetacularização dos acontecimentos ocorreu. Por ser um crime que envolve morte, filicídio e a desconstrução do ideal de mãe, o caso Rafael Winkes, ao ser noticiado pelo webjornal GZH, preocupou-se mais em destacar as características chocantes e emocionais do homicídio do que em noticiar os porquês e nuances das ações dos envolvidos.

Se utilizando de semioses pré-existentes no imaginário comum (neste caso os de criança e infância ideais, expectativas postas em figuras parentais, mãe monstro e crimes de cidade pequena), as matérias contam uma narrativa rasa e que se sustenta através da sensacionalização dos sentimentos das pessoas envolvidas no caso, sem buscar uma compreensão profunda da situação complexa. Em nenhum momento das reportagens analisadas é explicado, seja através de texto descritivo ou fala de alguma fonte, qual foi a motivação do crime. Tornando seu relato apenas uma trama espetacularizada que os leitores podiam acompanhar ao abrir o site de notícias.

Com o advento da internet e seu ritmo infinitamente mais acelerado do que os modos de produção impressa, o jornalismo digital surgiu como uma resposta à demanda do público. Ao criar notícias rápidas de serem lidas, recheadas de hiperlinks (recurso válido, mas que o leitor não tem obrigação alguma em utilizar) e sustentadas por legi-signos questionáveis e personagens arquétipos, o webjornalismo acaba por representar situações reais de forma superficial e com o auxílio de clichês que chamam a atenção do público por conta de seu caráter sensacionalista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se a necessidade de os jornalistas realizarem uma etapa de produção mais longa no processo de criação de suas notícias. Dessa forma, serão capazes de aprofundar mais suas reportagens, não apenas nos pontos sensacionalistas, mas sim nas motivações dos envolvidos no caso e nos problemas sociais que acarretam essas situações, cumprindo assim o papel original do jornalismo policial segundo Amaral (1978). Fazendo isso, será respeitada a singularidade dos casos cobertos e se viabilizará reportagens mais elucidativas para o público.

REFERÊNCIAS

BUCCI, E. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

MENDES, L. **“É uma dor comunitária”, diz promotora sobre desaparecimento de menino de 11 anos no norte do RS**. In: GZH, Porto Alegre. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2020/05/e-uma-dor-comunitaria-diz-promotora-sobre-desaparecimento-de-menino-de-11-anos-no-norte-do-rs-ckaic854g00ab015nqaae3dh1.html#:~:text=%C3%89%20uma%20dor%20comunit%C3%A1ria,crian%C3%A7a%20bem%2C%20o%20quanto%20antes>. Acesso em 02 de fevereiro de 2024.

MENDES, L. **“Ela não esboçava nenhum tipo de emoção”, dia promotora sobre mulher que confessou ter matado o filho**. In: GZH, Porto Alegre. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2020/05/ela-nao-esbocava-nenhum-tipo-de-emocao-diz-promotora-sobre-mulher-que-confessou-ter-matado-o-filho-ckanburr1004q015na07kpihd.html>. Acesso em 02 de fevereiro de 2024.

MENDES, L. **“Não a considero mais minha filha. Se foi ela, é um monstro”, diz avó de menino assassinado pela mãe**. In: GZH, Porto Alegre. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2020/05/nao-a-considero-mais-minha-filha-se-foi-ela-e-um-monstro-diz-avo-de-menino-assassinado-pela-mae-ckaob4z5e00jx015n8z7n5o4t.html>. Acesso em 02 de fevereiro de 2024.

MENDES, L. **Celular de menino desaparecido há seis dias no norte do RS será periciado em busca de pistas**. In: GZH, Porto Alegre. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2020/05/celular-de-menino-desaparecido-ha-seis-dias-no-norte-do-rs-sera-periciado-em-busca-de-pistas-ckagye99700d3015ncmknk34d.html>. Acesso em 02 de fevereiro de 2024.

MENDES, L. **Mãe confessa ter matado menino de 11 anos no norte do RS**. In: GZH, Porto Alegre. Disponível em:
<https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2020/05/mae-confessa-ter-matado-menino-de-11-anos-no-norte-do-rs-ckan0chw300ms015nwke9gpmx.html>. Acesso em 02 de fevereiro de 2024.

MOTTA, L. **A análise pragmática da narrativa jornalística**. São Paulo: Anais Intercom, 2005. Disponível em:
<https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>. Acesso em 09 de fevereiro de 2024.

PAIXÃO, P. **Jornalismo Policial: Histórias de quem faz**. Jundiaí: Editora In House, 2010

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular 3ª edição, 2005.